

## I

Eu sou um homem doente... Sou um homem mau. Sou um homem nada atraente. Penso que sofro do fígado. Aliás, não percebo patavina da minha doença nem sei ao certo de que é que sofro. Não me trato e nunca me tratei, embora respeite a medicina e os médicos. Além do mais, sou supersticioso em extremo; bem, o suficiente, ao menos, para respeitar a medicina. (Tenho instrução bastante para não ser supersticioso, mas sou supersticioso.) É por maldade que não me quero tratar. Isto é uma coisa que vocês, leitores, por certo não podem compreender. Pois, mas eu compreendo. É evidente que não sou capaz de explicar a quem prejuízo neste caso com a minha maldade; sei muito bem que nem aos médicos posso «lixar», de maneira nenhuma, ao recusar deixar-me tratar por eles; sei, melhor do que qualquer pessoa, que com tudo isso só me prejudico a mim mesmo e a mais ninguém. Mas mesmo assim, se não me trato, é por maldade. Dói-me o fígado, pois deixá-lo doer e que doa ainda mais!

---

Já vivo assim há muito tempo — há vinte anos. Agora tenho quarenta. Dantes era funcionário, agora já não sou. Era um mau funcionário. Era grosseiro e sentia prazer nisso. Não aceitava subornos, portanto tinha de me compensar disso ao menos desta maneira. (Fracos chiste; mas eu não o risco. Escrevi-o a pensar que

sairia muito espirituoso; mas agora, ao vê-lo, percebo que só queria exhibir-me — não o risco de propósito!) Quando por vezes os requerentes se aproximavam da secretária a que eu estava sentado a pedir informações, eu rangia os dentes e sentia um prazer extraordinário quando conseguia afligir alguém. Quase sempre conseguia. A maior parte deles era gente acanhada: já se sabe — requerentes. Mas entre os peralvilhos havia principalmente um oficial que eu não conseguia suportar. Não queria de maneira nenhuma submeter-se e fazia um ruído asqueroso com o sabre. Por causa daquele sabre, mantive com ele uma guerra de ano e meio. Acabei por vencer. Ele deixou de retinir. Aliás, isto passou-se quando eu ainda era jovem. Mas sabem, senhores, em que consistia o principal ponto da minha maldade? Todo o âmago da questão, a maior torpeza, consistia em que a todo o momento, até no próprio instante do mais bilioso ataque, eu tinha vergonhosamente consciência de que não só não era um homem mau, como nem sequer era exacerbado, que me limitava a espantar pardais inutilmente e que me consolava com isso. Deito espuma pela boca, mas basta que me tragam uma bonequinha qualquer, que me deem um chazinho com açúcar, e eu me acalmo. Até a minha alma se enternece, embora por certo me ponha a ranger os dentes de raiva contra mim mesmo e, com a vergonha, venha a sofrer de insónia durante meses. É este o meu costume.

Há pouco menti, ao escrever que era um mau funcionário. Menti por maldade. Aquilo que eu fazia com os requerentes e com o oficial era apenas por travessura, porque na realidade nunca consegui ser mau. Sentia constantemente em mim um excesso dos elementos mais contrários à maldade. Sentia que esses elementos contrários fervilhavam em mim. Sabia que eles tinham fervilhado em mim toda a minha vida e queriam exteriorizar-se, mas eu não os deixava, não deixava, de propósito não os deixava sair. Eles atormentavam-me até à vergonha; provocavam-me até convulsões, e acabei por ficar farto deles, mesmo farto! Então não lhes parece, meus senhores, que estou agora a fazer diante de vós um ato de contrição, que vos peço perdão por alguma coisa?... Tenho a certeza de que assim vos parece...

De resto garanto-vos que, se assim vos parece, a mim tanto se me dá...

Não só não consegui tornar-me mau, como nem consegui tornar-me coisa nenhuma: nem mau, nem bom, nem patife, nem honesto, nem herói, nem inseto. Agora estou no meu canto, a viver os últimos tempos, a escarnecer de mim mesmo com a maldosa e inútil consolação de que um homem inteligente não pode seriamente transformar-se em coisa nenhuma, só um parvo pode transformar-se em alguma coisa. Sim senhor, um homem inteligente do século dezanove deve e está moralmente obrigado a ser de preferência uma criatura sem caráter; um homem com caráter, um homem público, é uma criatura essencialmente limitada. Esta é a minha convicção de quarenta anos. Tenho agora quarenta anos, e quarenta anos é uma vida; é a mais avançada velhice. Viver mais de quarenta anos é indecente, é vulgar, é imoral! Quem é que vive mais de quarenta anos? Respondam-me com franqueza, honestamente! Eu digo-vos quem: os parvos e os canalhas vivem. Digo isto na cara de todos os velhos, de todos esses velhos de cabelos prateados e perfumados! Digo-o na cara de todo o mundo! Tenho o direito de falar assim, porque eu próprio vou viver até aos sessenta. Vou viver até aos setenta! Até aos oitenta anos vou viver!... Esperem! Deixem-me tomar fôlego...

Pensam talvez, meus senhores, que eu vos quero divertir? Também nisso estão enganados. Não sou um homem assim tão alegre como vos parece, ou como talvez vos possa parecer; aliás, se esta minha tagarelíce vos irrita (e eu já sinto que estão irritados), se tiverem a ideia de me perguntar: quem sou eu ao certo? — respondo: sou um assessor colegial. Servi para ter alguma coisa que comer (mas apenas para isso), e quando no ano passado um dos meus parentes afastados me deixou em testamento seis mil rublos, demiti-me logo e instalei-me no meu canto. Já antes morava aqui, mas agora instalei-me neste canto. O meu quarto é feio, nojento, no extremo da cidade. A minha criada é uma velha aldeã, é má por estupidez e além disso cheira sempre mal. Dizem-me que o clima de Petersburgo será mau para a minha saúde e que, com os meus insignificantes meios, é muito caro

viver em Petersburgo. Sei isso melhor do que todos esses conselheiros experientes e sábios. Mas fico em Petersburgo; não saio de Petersburgo! Não saio porque... Ah! Mas saia ou não saia, isso é completamente indiferente.

E de resto: de que é que um homem digno pode falar com mais prazer?

Resposta: de si mesmo.

Portanto, será de mim que falarei.

## II

Agora, meus senhores, quero contar-vos, queiram ouvir ou não queiram, por que razão eu não consegui tornar-me nem sequer um inseto. Digo-vos solenemente que muitas vezes desejei tornar-me um inseto. Mas nem isso mereci. Juro-vos, meus senhores, que ter uma consciência demasiado desenvolvida é uma doença, uma autêntica doença. Para a vida quotidiana da humanidade já seria mais do que suficiente uma consciência humana normal, ou seja, menos metade ou menos um quarto da porção que cabe a um homem evoluído do nosso desgraçado século dezanove que, ainda por cima, tivesse a infelicidade de viver em Petersburgo, a cidade mais abstrata e mais premeditada de todo o globo terrestre. (As cidades são premeditadas ou não premeditadas.) Seria suficiente, por exemplo, uma consciência como aquela com que vivem os chamados homens naturais e os homens de ação. Aposto que vocês pensam que escrevo tudo isto por gabarolice, por gracejo a propósito dos homens de ação, e que também por bazófia de mau gosto faço tilintar o sabre, como aquele meu oficial. Mas, meus senhores, quem é que pode vangloriar-se das suas doenças e ainda bazofiar com elas?

Aliás, que digo eu? — Todos o fazem; vangloriam-se das doenças, e eu talvez mais do que todos. Não vamos discutir; a

minha objeção é absurda. Mas em todo o caso estou firmemente convencido de que não apenas muita consciência, mas até qualquer consciência é uma doença. Insisto nisto. Deixemos também isto por um momento. Digam-me o seguinte: porque é que acontecia, como que de propósito, nos mesmos momentos, sim, nesses mesmos momentos em que eu era mais capaz de tomar consciência de todas as subtilezas de «tudo o que é belo e sublime», como em tempos se dizia entre nós, porque é que me acontecia já não ter consciência, mas praticar atos tão indecorosos que... pois, numa palavra, que embora talvez todos pratiquem, mas que, como que de propósito, me aconteciam a mim precisamente quando tinha mais consciência de que não os devia praticar? Quanto mais tinha consciência do bem e de todo esse «belo e sublime», mais profundamente me afundava no meu lodo e mais capaz ficava de me atolar por completo. Mas o traço principal estava em que tudo isso não me acontecia por acaso, mas como se tivesse de ser assim. Como se esse fosse o meu estado normal, e de modo nenhum uma doença nem um desarranjo, de maneira que finalmente até me passava a vontade de lutar contra esse desarranjo. Acabei por quase acreditar (e se calhar até acreditei mesmo) que esse era o meu estado normal. Mas primeiro, no início, os tormentos que eu passei nessa luta! Não acreditava que isso acontecesse com as outras pessoas, e, assim, mantive-o toda a vida como um segredo. Tinha vergonha (talvez continue a ter vergonha, ainda hoje); chegava a ponto de sentir uma espécie de deleite secreto, anormal, indecente, ao voltar ao meu canto, numa dessas péssimas noites de Petersburgo, com a redobrada consciência de que nesse dia voltara a cometer uma torpeza, e que uma vez mais não havia como reparar aquilo que fizera; e por causa disso roer-me todo por dentro, secretamente, roer-me com os dentes, serrar-me e sugar-me de tal modo que o amargor se transformava finalmente numa espécie de doçura vergonhosa e maldita e por último num deleite indubitável e grave! Sim, num deleite, num deleite! Insisto. Comecei a falar disto porque continuo a querer saber com certeza: os outros sentirão este género de deleite? Explico: o deleite aqui provém precisamente de uma